

O INFOGRÁFICO – SINCRETISMO NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA MIDIÁTICA (DCM)

THE INFOGRAPHIC – SINCRETISM IN DISSEMINATING SCIENTIFIC MEDIA (DSM)

Juliana Alles de Camargo de Souza (Doutoranda - Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS - São Leopoldo, RS, Brasil)
(julianaacs@gmail.com)

Resumo: Este artigo visa analisar um infográfico de Divulgação Científica Midiática (DCM). Para essa tarefa, postulam-se aspectos epistemológicos da Semiologia, da Linguística Textual e da Semiótica Plástica, os quais oportunizam explicar a configuração discursivo-textual desse texto que se caracteriza pelo sincretismo entre imagem e palavra. Análises prévias apontam para conclusões que indicam o infográfico frequentemente constituído em bases processuais descritivas ou narrativas que sustentam uma explicação ou um fazer compreender¹ algo. Nesse sentido, o texto se alinha aos fins da divulgação da ciência na mídia.

Palavras-chave: Divulgação Científica Midiática; infográfico; processos descritivo-explicativos.

Abstract: This article analyzes the Scientific Dissemination Media (DSM) infographic. For this task are postulated aspects of the epistemologies Semiotic, Textual Linguistics and Plastic Semiotics, which explain the discursive and textual setting of this text, that is characterized by syncretism between image and word. Previous analysis points to conclusions that indicate that the infographic often is formed in bases of descriptive and narrative processes that support an explanation or a *faire comprendre*. In this sense, the text aligns with the objective of science dissemination in the media.

Keywords: Disseminating Scientific Media (DSM); infographic; descriptive-explanatory processes.

1 Introdução

A proliferação permanente de dois campos e de dois modos de comunicação estabelece a ciência partilhada entre especialistas, de um lado, e a comunicação direcionada a auditórios leigos, de outro (JACOBI,

¹ Considera-se o fim discursivo fazer compreender como aquele que caracteriza os textos não somente para fazer saber, mas, mais especificamente, pela intenção de o produtor modificar a percepção do leitor sobre um dado tema, implicando uma organização explicativa, conforme Coltier (1986, p. 4). O fazer compreender (*faire comprendre*) difere do fim instrucional, pois não remete a uma cronologia de atos a serem executados, mas implica uma resolução de um problema da ordem do saber.

1999). Tal condição da disseminação da ciência pressupõe diferentes contratos de comunicação, com interlocutores específicos como destinatários e destinatários em um e outro campo, reservando-se um espaço singular para a Divulgação Científica Midiática (DCM).

Um gênero de frequente utilização na DCM é o infográfico. Este se caracteriza como um texto sincrético, pois resulta da aplicação de uma técnica simultânea de linguagens (HJELMSLEV, 1971), neste caso, palavra e imagem. O infográfico pode se apresentar isolado ou integrado em uma hiperestrutura. Sobre esta, Mouriquand (1997, p. 26 apud ADAM E LUGRIN, 2000, p. 3) anota: é uma “cenarização da informação que consiste em um corte de cenas distintas e sucessivas”.

Neste trabalho, objetiva-se analisar aspectos discursivo-textuais de um infográfico da DCM, parte de um *corpus*² de tese de doutorado. Para isso, assumem-se aspectos teóricos da Semiologia (CHARAUDEAU, 1992, 2008), da Linguística Textual (ADAM, 2008) e a noção de sincretismo, da Semiótica (GREIMAS, 2004; FLOCH, 1985).

2 O infográfico

Peltzer (1991) designa o infográfico como uma expressão gráfica de certa complexidade, informativa de fatos, explicativa do funcionamento de algo ou definidora de como algo é. Assim, no infográfico “A Tabela Periódica da Sustentabilidade”, é possível anotar: (i) o fim discursivo fazer compreender como é a Tabela da Sustentabilidade; (ii) o tema Sustentabilidade e emissões de CO₂ no conjunto de países do mundo, figurativizado em uma Tabela Periódica, evidenciando verbovisualmente processos descritivos que consubstanciam uma explicação.

² O projeto “O infográfico e a divulgação científica: (entre)texto e discurso”, já qualificado, é a base construída para a tese em curso. Nesse projeto, têm-se catalogadas e devidamente copiadas digital e graficamente, 14 matérias infografadas da revista “Superinteressante”; 22, da revista “Saúde! É vital” e 22 da “Mundo Estranho”. Deste conjunto de textos e investigações é que se retirou um exemplar para esta análise.

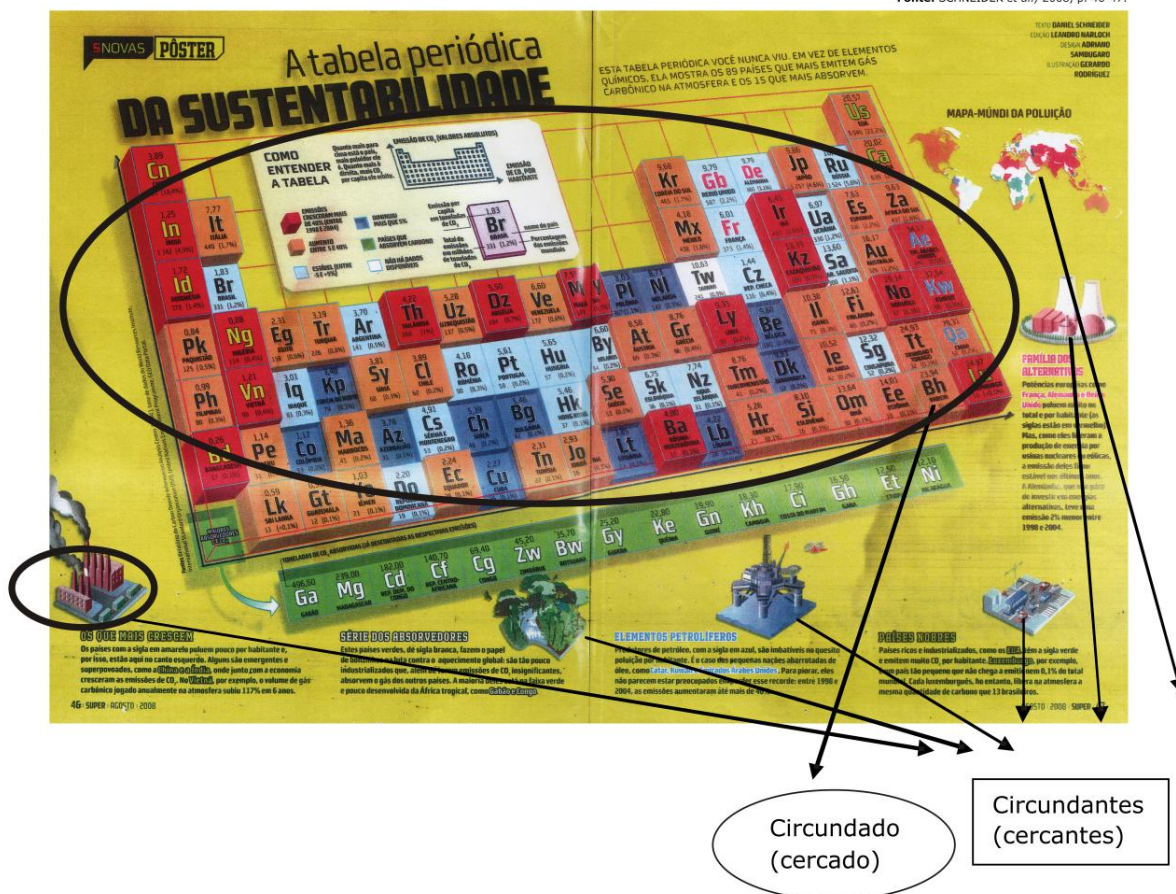


Figura 1 – A Tabela Periódica da Sustentabilidade.

Hierarquizam-se os países do mundo na figura da Tabela Periódica³ e a intertextualidade se demonstra em um texto da esfera da divulgação científica midiaticizada. Assim, encontram-se como interlocutores: a instância produtora (P) do texto (jornalista, *designer*) e a dos leitores (L), leigos interessados por temas científicos (destinatários).

O subtítulo “Esta tabela periódica você nunca viu. Em vez de elementos químicos, ela mostra os 89 países que mais emitem gás carbônico na atmosfera e os 15 que mais absorvem” (SCHNEIDER et al.,

³ A tabela periódica é um “quadro de sistematização dos elementos químicos que os distribui espacialmente em colunas e linhas por seus números atômicos, registrando nas colunas verticais as famílias ou grupos com propriedades químicas semelhantes, e nas linhas [...] horizontais os elementos com o mesmo número de níveis energéticos” (HOUAISS, 2001, p. 2653).

2008, p. 46-47), a locução⁴, com emprego de “você”, indica que P implica L e é possível inferir que aquele calcula os pré-conhecimentos deste, evidenciando um destinatário estudante. Existe uma (co)construção de sentido quando P, investido de um poder-fazer, possuidor de um saber, comunica-o verbovisualmente a L, que deseja ou deve saber.

Grillo, Dobranski e Laplane (2004, p. 215) comentam que há

[...] textos marcados pela didaticidade, isto é, fazer saber, fazer ver, fazer que o outro compreenda, fazer de tal forma que o outro possa se apropriar de saberes novos; [...] pré-construídos sobre os quais se apoiam as esquematizações que o locutor elabora, em função da avaliação que ele faz da situação, das representações que ele tem dos destinatários, aquelas que ele dá de si próprio e aquelas que ele tem ou que ele dá do tema.

Adam (2008), nessa direção, e do ponto de vista da Linguística Textual, categoriza:

⁴ Charaudeau (1992, 2008) no modo de organização enunciativo (maneira como o sujeito que fala age na encenação do ato comunicativo) indica as funções: (i) alocutiva (a relação de influência entre o locutor e interlocutor, implicação do destinatário); (ii) elocutiva (ponto de vista do locutor-objeto); (iii) delocutiva (aparente neutralidade, retomada de terceiro; não implicação de interlocutor).

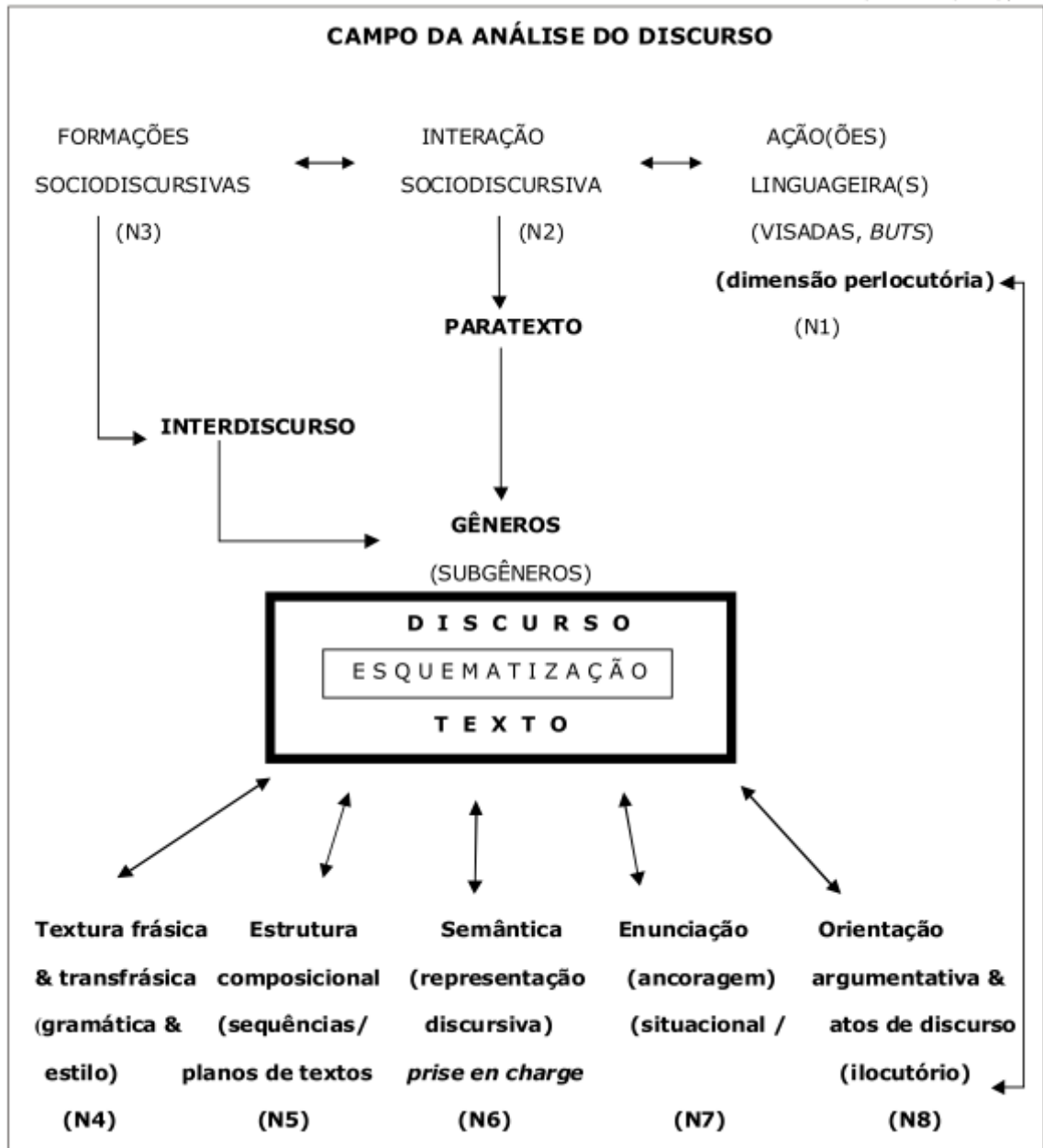


Figura 2 – Do discurso como ação ao texto.

A Figura 2 mostra uma ação visada (objetivos) (N1), orientadora da ação languageira (explicar como funciona a Tabela). Uma formação sociodiscursiva (N3), relativa às interações sociais orais ou escritas (N2), resulta em gênero (infográfico), o qual remete à Textura (N4), à Estrutura Composicional (sequências) (N5), à Semântica (N6), à Responsabilidade Enunciativa (N7), e aos atos de discurso (N8).

Os procedimentos descritivos, narrativos e explicativos contabilizados no mencionado *corpus* de infográficos indicaram

sequências (N5) (ADAM, 2001, 2008). Uma sequência, macroproposição que adquire sentido em relação a outras, constitui uma unidade hierárquica complexa sequencial relativamente autônoma. As sequências descritiva e explicativa, reconhecíveis no infográfico transcrito, servem ao fim discursivo de fazer compreender como é/funciona a Tabela da Sustentabilidade.

Verificam-se aspectos descritivos (figurativizam-se os países produtores ou absorvedores de gás carbônico e se atribuem a estes cores diferentes e adjetivações, categorizando-os, como em: "... absorvedores", verde; "... alternativos", azul claro). Assim, demarcam-se macro-operações de *tematização* (países do mundo: o CO₂ X sustentabilidade); de *aspectualização* (categorizações); de *relação* (metonímia: microlegenda sobre como entender a tabela e as correspondências denotativas de regularidades cor-significado, por exemplo. Há relação da legenda, uma parte, com a tabela periódica, o todo; e operação de *expansão* (elementos circundantes, subtematizações).

O mapeamento descritivo do texto sustenta um efeito final de explicação. Esta, teorizada por Adam (2008, p. 244), que evoca Grize (1997) assim se estrutura:

	P. explicativa 0	Esquematização inicial
Por que p?	P. explicativa 1	Problema (questão)
Porque q	P. explicativa 2	Explicação (resposta)
	P. explicativa 3	Ratificação (avaliação)

Da esquematização inicial, vem um "Por quê?, Como?". Sucedem uma resolução e uma avaliação. Coultier (1986) postula a explicação em parâmetros que levantam um problema da ordem do saber que um agente comunica a outro(s). Explicar pressupõe um paradoxo e a investigação de uma evidência. Na assimilação, há uma redução desse

paradoxo (explicar elucida) e uma explicitação dessa evidência (explicar faz compreender).

Por sua vez, Greimas (2004, p. 92), em estudos de Semiótica Plástica, cita o semissimbólico, fundamentando a hipótese teórica de objetos plásticos como objetos significantes. Tais objetos, por serem apreensíveis e interpretáveis intuitivamente, produzem efeitos de sentido, expressos em regularidades.

Desse modo, a articulação da cor vermelha, no texto em estudo, remete a emissões crescentes (mais de 40% de gás carbônico), exemplificando regularidades cores-categorias de países. Consolidam-se funções de elementos plásticos em sincronia com o verbal.

Consoante Floch (1985, p. 30), também se possibilita distinguir o topológico/topográfico, em linear e planar. Esquemáticamente, visualiza-se:

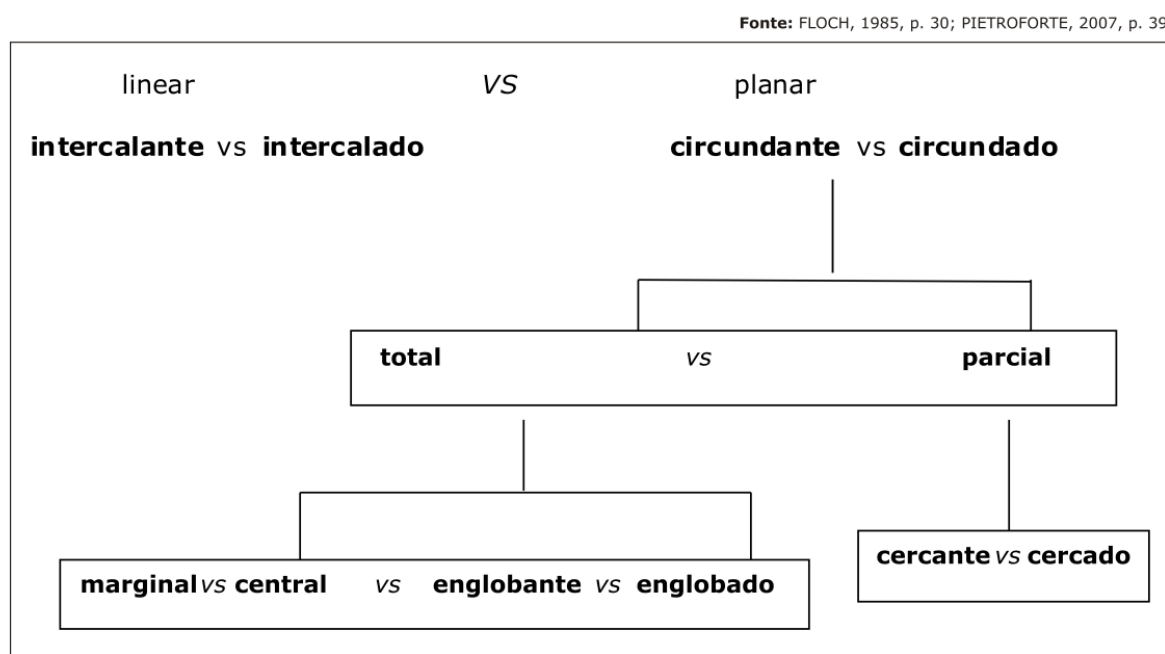


Figura 3 – Categorias plásticas: linear vs planar.

A Figura 3 oportuniza identificar no infográfico estudado mais uma relação metonímica parte-todo. Na configuração plástico-topográfica, localizam-se países (acima/abaixo) e se qualificam (mais/menos

desenvolvidos), respectivamente. Além disso, ilustrações miúdas com legendas verbais cercam a Tabela (circundante-cercante; circundada-cercada). O Mapa-Múndi orchestra esse jogo metonímico plástico-verbal (conjuntos de países X países nomeados).

A Tabela Periódica escolar remete à formação sociodiscursiva (ADAM, 2008), base das interações sociais orais ou escritas entre destinador e destinatário, hipotecando a veridicção e atestando a intertextualidade. Conhecida do destinatário, o uso dessa Tabela expressa o cálculo feito pela instância produtora para alcançar sucesso na explicação do tema sustentabilidade.

3 Palavras Finais

Sublinha-se o aprofundamento do percurso investigativo sobre o infográfico, pelo cruzamento analítico propiciado por estudos da Semiologia, da Linguística Textual e da paratextualidade sob a ótica do sincretismo semiótico desse texto da DCM. O exame possibilitou ratificar que o infográfico, com uma configuração discursivo-textual assim entendida, pode ser um gênero de utilização significativamente exitosa em ações de educação científica, nos processos de letramento verbal, visual e científico.

Referências

ADAM, J.-M. *Linguistique textuelle des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999.

ADAM, J.-M. *Les textes - types e prototypes*. 4^a ed. Paris: Nathan Université, 2001.

ADAM, J.-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues. *et. al.* São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, J.-M; LUGRIN, G. *L'hyperstructure: un mode privilégié de presentation des événements scientifiques?* Les carnets de Cediscor, 6, p. 133-147 (en ligne, 2000) Disponível em: <<http://cediscor.revues.org/327>>. Acesso em: 29 nov 2010.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Éducation, 1992.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

COULTIER, D. Aproches du texte explicatif. In: PETITJEAN, A. (Coord.). *Pratiques*. França: Siege Social, n. 51, 1986, p. 4-22.

FLOCH, J.-M. *Petites Mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Paris-Amsterdam: Éditions Hadès-Benjamins, 1985.

GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, A. C. (Org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004, p. 75-96.

GRILLO, S. V. C.; DOBRANSZKY, E. A.; LAPLANE, A. L. F. Mídia impressa e educação científica: uma análise das marcas do funcionamento discursivo em três publicações. In: DOBRANSZKY, E. A. *Cultura, Ensino e Práticas Educativas Formais e Não Formais*. Campinas, v. 24, n. 63, p. 215-236, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

GRIZE, J.-B. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1997.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria del language*. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica, Editorial Gredos, 1971.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. Bolonha – Itália: Objetiva, 2001.

JACOBI, D. *La communication scientifique: discours, figures, modèles*. Saint-Martin-d'Hères (Isère): PUG, 1999.

PELTZER, G. *Jornalismo Iconográfico*. Lisboa. Planeta Editora, 1991.

PIETROFORTE, A. V. *Análise do texto visual: a construção da imagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHNEIDER, D.; NARLOCH, L.; SAMBUGARO, A.; RODRIGUEZ, G. A tabela periódica da sustentabilidade. *Revista Superinteressante*, n. 255, p. 46-47, ago. 2008.

WIKIPEDIA. *Tabela periódica*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabela_peri%C3%B3dica>. Acesso em 4 jan. 2011.